

**XXIV Festival da Poesia no Condado.  
Língua e serviços em mao comum**

**Formas de citación recomendadas**

**1 | Por referencia a esta publicación electrónica\***

*XXIV Festival da Poesia no Condado. Língua e servicios em mao comum*  
(2011 [2010]). Salvaterra de Minho: S.C.D. Condado. Reedición en *poesiagalega.org. Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*.  
<<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/1527>>.

**2 | Por referencia á publicación orixinal**

*XXIV Festival da Poesia no Condado. Língua e servicios em mao comum*  
(2010). Salvaterra de Minho: S.C.D. Condado.

\* Edición dispoñible desde o 9 de decembro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

© O copyright dos documentos publicados en *poesiagalega.org* pertence aos seus autores e/ou editores orixinais.

xxiv festival da poesia  
no condado

-  
*língua e serviços  
em mao comum*



xxiv festival da  
poesia no condado

S.C.D. CONDADO



xxiv festival da  
poesia no condado

---

*língua e serviços  
em mao comum*

---

3 E 4 DE SETEMBRO DE 2010  
SALVATERRA DE MINHO

---

S.C.D. CONDADO

S.C.D. CONDADO, 2010

MAQUETAÇOM E DESENHOS:  
BÉRTOLO&HIDALGO

PROMOCIONAM:  
GALICIANO E INDUSTRIAS FERRY

IMPRIME:  
GRÁFICAS JUVIA

— ÍNDICE —

LIMIAR	9
LAURA BRANCO	11
ALICIA FERNÁNDEZ	23
TIAGO GOMES	29
XULIA MARÍA	37
CARLOS NEGRO	41
KIKO NEVES	47
BRANCA NOVONEYRA	53
SAMUEL L. PARÍS	59
CARLOS QUIROGA	71
ELVIRA RIBEIRO TOBÍO	85
DAVID RODRÍGUEZ	91
CALROS SOLLA	97
SAMUEL SOLLEIRO	107



## — LIMIAR —

*A poesía é unha arma cargada de futuro*

GABRIEL CELAYA

O Miño,

non é unha fronteira. O Miño más ben é a arteria dun só corpo. É o cordón umbilical que nos une a Galiza e Portugal, aí está esse fermoso poema de João Verde que di:

*Vendo-os assim tão pertinho,  
a Galiza mail' o Minho,  
são como dois namorados  
que o rio traz separados  
quasi desde o nascimento.  
Deixal-os, pois, namorar  
já que os paes para casar  
lhes não dão consentimento.*

Os versos da Vaticana que non se imparten nas escolas, todos e todas sabemos moi ben o por que. Rachando as nosas raíces perdemos a nosa memoria e sen memoria

non temos historia, sen memoria seriamos monicreques que calquera dirixiría, as diferencias do nosso idioma son similares ás que hai entre distintas provincias, que fan un idioma máis rico que se dá moito mellor para expresarnos na prosa ou na poesía.

A poesía é unha fonte de transparencias. A poesía non se pecha na torre de marfil das vaidades, pois a poesía é ceibe como o vento. A poesía é solidaria. A poesía é pobo. A poesía é a arma máis eficaz, racha fronteiras e cadeas de escravitude.

A poesía é amor, é identidade, é rebeldía, é xustiza.

LUZ FANDIÑO

## — LAURA BRANCO —

Laura Branco nasceu en Foz (Lugo) em 1984.

Licenciada nas Filologias Portuguesa e Galega pela Universidade de Santiago de Compostela, é membro do grupo de investigação GALABRA desde 2006. Como investigadora em formação desenvolve a sua tese de Doutoramento acerca da construção do discurso sobre o período Ilustrado na Galiza, assunto sobre o que tem feito alguma publicação e contribuições em diversos congressos internacionais.

No ámbito da criação literária, tem publicado poemas em revistas como *Agália* ou a *Revista das Letras* (separata do jornal *Galicia Hoxe*), e participado nalguns recitais poéticos em diferentes lugares da geografia galega, principalmente na Marinha de Lugo. Os poemas desta escolma correspondem ao seu livro inédito *Doenças dum espelho*.



### **Se deita a cabeça fora na estrada**

e vê se fica matéria por regurgitar,  
verá se o deus está por baixo do mar  
ainda disposto a expirar compracido,  
quando as bocas da vaidade desta civilização  
terminem de expelir o ciúme dos seus vômitos,  
proferindo toda a bile e mesmo o próprio estômago.

Seguram nas maos os olhos dos seus rostos extraidos,  
uns olhos de neve e pregos sobre os dedos da lapidação  
que ergueram a fronteira entre os corpos condenados  
e fazem jurar bandeira como anjos aguerridos  
—na língua que inocula com veneno a dissidência—,  
aos amantes que bifurcam a sua vereda.

Na margem direita de quem mira para o norte  
a condenada recolhe os olhos e os pregos da tortura,  
e sobre o muro contentor refulge a balaustrada  
[da gorgona.

Na margem esquerda de quem mira para o norte  
um barco desamarra carregando a sua latitude  
e nom sabe mais das outras margens.

As poças acumularam verdeamarelas secreções  
que cobrem os corpos nus pisados  
pelos transeúntes que cospem sempre no chao.  
O sangue coalhou guardado na gaveta  
e dele nasceram vermes branquinhos e cavalos alados.

No mar, ainda, o deus que hiberna  
será um dia compracido quando o gume cortar

a fúria na corda que afoga os cavalos brancos,  
libertos da ira que detém as marés.

E este gigante erguerá sobre o oceano um látego,  
sacudirá nas bestas de sal o brutal galope,  
e correrão em árdua viagem na conquista da areia  
a todas as praias do mundo,  
à praia de Normeraltha.

**Foi a geada que acompanhava a queda de Outubro**  
na margem interna do cristal.

Caíram as candeias por entre as fendas da janela,  
caíra a noite por entre o dia e a madrugada  
e a rotação da cabeça sobre o eixo vertebral  
também não permitia enxergar a diferença  
entre o céu, o mar e as entranhas.

Ao longe,  
no alto da torre avistava-se o faro  
que guiava sem fareiro os derradeiros barcos da vila,  
na que haveria de ser a última partida  
do navegante que aguardava um vento calmo  
desconhecendo o seu destino em Normeraltha.

No alto da torre morava um ser estranho.  
Este é o início da crónica dum rio turbulento,  
um ser de formas pétreas de mulher  
que tinha lavrado a sua prudência entre a família  
[e a almofada.

Noite de domingo. Recebe uma carta  
do amante que guarda entre as maos  
e apaga as lanternas e posta-se perante o espelho,  
e fecha os olhos e pensa o seu corpo esvaziado de rosto.

Este rio turbulento é uma mulher que, iludida,  
baixa a persiana e fala com os que acabam de morrer,  
e tira os carpins e conversa no chão com os peixes  
[de prata  
e dá voltas e esmaga a sua culpa no aposento.

Se ainda ficam nas gavetas os seus lenços trazidos  
[da Índia  
tirará a suor dos pés e beberá dos fundos do pántano,  
mas ela não sabe onde é que lhe acabam os intestinos  
e onde começa o que é externo à sua epiderme.  
Irmã, que grande assassino este campo de mapoulas  
[macilento,  
queres abandonar o teu país e enterrar a tua arma,  
pois o vento sopra a sua resposta nos graos voantes  
[do deserto.

As geadas do fim de Outubro  
guiavam os anos do faro a sotavento,  
há certa história que morre na vila com o último faro,  
derrubando a arquitectura que erigiu o antigo povo  
[marinheiro.

O navegante já não fala, o navegante não diz nada  
depois de tê-la visto por última vez  
como se tivesse sido a primeira, e deixa-a baixar.  
Logo apronta a bagagem para ficar onde já está  
e parte o navegante depois de escrever:

*Sou velho para a vila  
mas ainda jovem para o barco.*

El sabia, as madrugadas eram tão curtas  
e tinha aventurado um despregrado labirinto  
pela vereda das adelfas encarnadas.

Finalmente, desamarra o navegante rumo a Misno.  
Corre sombrio e desnudo pela estepa,

torna-se ginete na noite e águia no meio-dia,  
é um lobo que renuncia à manada no atardecer  
e, no alto do monte, domina a curvatura do mar.  
O leme do seu barco alastrou a franqueza do porto

[de Alejandria

—tinha sulcado tantos mares mas mar é só um—,  
após ter contornado a tormenta e fugir  
como os furtivos fogem, à sua maneira,  
sem ela compreender.

Que podiam fazer os mudos com tantas chaves?  
O Telos não tem porta, nem os rios.

**A bruma gris da manhã gasifica os muros**  
que ensombrecem o momento de sairem as sacobeiras  
quando apenas se sente o vóo dum pássaro impávido.

Os anos que nos precedem  
não têm a mesma latitude,  
e no entanto os antílopes desertam a estepa  
como nunca antes tinham feito:  
correndo por dentro de nós.

Lembro como um dia falaste sobre a minha brevidade,  
de que sou para ti, igual que a morte, infinita.  
E pensas que a morte é a melhor das crueldades,  
mas não sabes que não somos novos,  
que somos tão velhos como os muros derrubados da cidade,  
que assim a memória pode ser umha magra

[companheira.]

E não tes conhecimento do que pensei durante anos,  
de certas cousas que me levam a existir sem ter apenas  
[respirado]  
para poder hoje chegar a acreditar que não existe  
[a desmemória,  
mas o regresso: o que existe é o regresso do lugar,  
[não da pessoa.]

Quando o lugar eras tu  
eu nasci muito depois com poeira nos sapatos.  
Mas eu nunca usei calçado.

Há duas maneiras de regressar e ficar finalmente  
[exumados.]

E o céu violeta de Misno observa-nos quase indiferente  
caminhando descalços à beira do mar no tamanho  
[das formigas,  
e deixas que te acompanhe, magra, no poente,  
quando vas com o teu bastão e sem cabelos.  
Escoita como molha a bruma gris.

## A boca do rio

abria a sua fome derradeira  
descobrindo o húmus que guardava  
os esqueletos de madeira,  
e nalguns pregos oxidados podia adivinhar-se  
a intenção de enlaçar o sentido duma vida trabalhada  
nas águas que agora, desmanteladas, refulgiam igual  
[que um espelho roto.

A madeira apodrecera incorrupta  
e o limo conservava em segredo a técnica da espera,  
da paciência, e da renúncia.

Eu sou a mulher que se resguarda na madeixa,  
na madeixa do limo,  
que corta os pés com a teia de água do rio  
para desaparecer, dormir até a aniquilação.

Eleva-se um canto a várias vozes  
que me acompanha no descenso  
e fai dobrar as mapoulas de Perséfone  
pela extensão glaciar do subterrâneo,  
e neste momento apenas dormir desejo  
e acreditar num espaço afastado do que hoje sou.

Não estou mais a lutar nem tenho nada para esperar,  
eu desço elevando os passos nos degraus desta escada,  
claudicando como as folhas das árvores  
que têm de cair na outonia.

Baixei à terra junto aos homens  
e não é tão diferente de nós.  
Tu eras já um ser completo

antes de tender a mao para outra mao  
enquanto cres não precisar outra mao mas a tua.

Que ficará dela quando tenha desaparecido o quarto  
[no seu espelho,  
o seu peite e a cadeira que tinha sostido o seu peso?  
As candeias derreteram  
e o fumo residual do cordão encerado  
impregnara as cortinas e as alfombras,  
os livros malgastados, amarelos e brandos.  
Ela protege o seu medo como se fosse um menino frágil  
a esconder-se dentro do pai pelos gritos que saem  
[do guarda-roupa.

A língua das marés estava condenada  
perante o cavalo do antigo império.  
E ela também estava condenada  
de olhos abertos na escuridade,  
sorriso perdido entre as pessoas.

As costelas de madeira cingiam,  
franqueavam a médula do aborrecimento  
à espinha dorsal das naus carcomidas  
pela terra húmida do tédio.  
Guardava-se na concha  
envolta no manto verde do silêncio  
para dormir longamente.



## — ALICIA FERNÁNDEZ —

Alicia Fernández nace en Escairón (O Saviñao) no ano 1987 e na actualidade realiza estudos de 5º de Filoloxía Galega. Gañadora de premios de poesía como o Francisco Fernández del Riego, Francisco Añón, Díaz Jácome, Ánxel Casal, Aurelio Aguirre ou Minerva, entre outros. Participa en numerosos recitais poéticos e ten publicados poemas e artigos en diversas revistas literarias (*A Caramuxa*, *A Ciegas*, *Xistral*, *Revista das Letras*\*...), así como nos libros colectivos *Sempre mar. Cultura contra a burla negra* (2003) e *Letras Novas* (2007). No 2005 foi editado por ediciones Tema o seu poemario *Botar o mar polos ollos*.

c  
me.

XG, vermello?

- medo?

- toco (pero a

- fodiches nu

xoguer a pil

as palabras falan así.  
expectativas.  
decepción

**agora xa dis dói-dói.**

a min, logo de caer no recreo,  
botábanme líquidos escuros,  
(sempre mestres de bigote).  
é por iso que aprendín a berrar **pupa**.

e xa ves:  
choramos no mesmo idioma.

– que che suxire... chocolate?

– frigorífico

– primeiros xogos?

– sexo, destrucción, portas vellas (as da bodega)

– vermello?

– esperanza, vergoña (é que me veu a regra moi cedo)

– medo?

– coco (pero a froita)

as palabras falan así.

con sinónimos imposibles.

despois preguntou ela:

– e a ti... festa?

– orquestra, prado

– fodiches nun lameiro?

– **xoguei a pillar** e montei nas barcas...

as palabras falan así.

expectativas.

decepción.

**tiven unha colección de medos**

detrás da ventá:

**home do saco**

coco

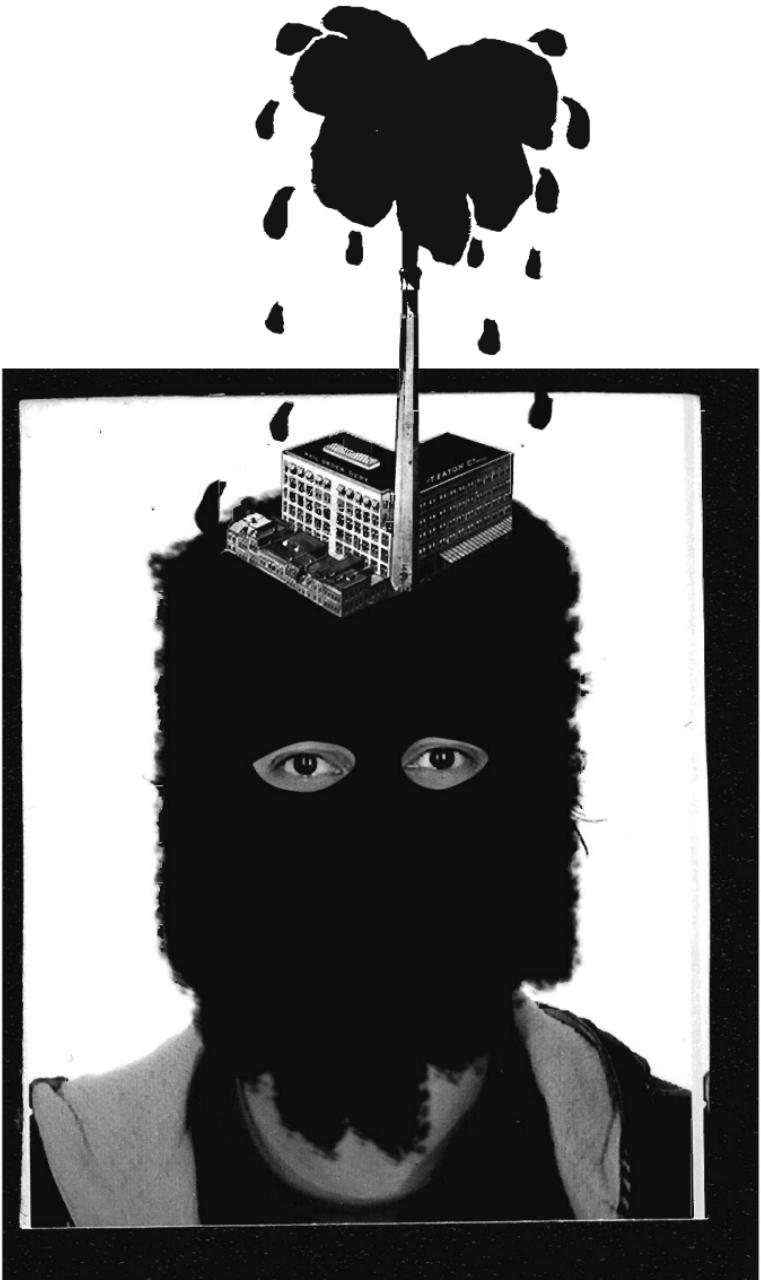
sacaúntos

meiga chuchona...

as cancións de berce non limpaban bágoas.

**ti** non existías; (soamente no colo da *avó*)

*eaaaеaaaеaaaеееее.*



## — TIAGO GOMES —

É Poeta, editou 5 livros: *Caixa Negra de Avião Desviado Por Ataque Terrorista* (Ed. Autor). Seguiram-se, em 1995, *Homem Vago em Cinzento* (Ed. Autor) e, em 1998, *Brincadeiras com Cianeto* (Ed. Edições Mortas), *Viola-me Eléctrica* (Ed. Fenda) a Antologia *Auto-Ajuda* (Ed. Mariposa Azul). Uma edição revista e aumentada foi editada em Espanha pela editora Baile del Sol e traduzida também para francês, italiano, inglês.

Publicou poemas no DN Jovem, Poesia em Lisboa, Casa Fernando Pessoa, Ícones, 4 Elementos Editores, Águas Furtadas, Inimigo Rumor e Foreste Somerse (Itália), Voces del Extremo (Espanha), e uma antologia de jovem poesia Portuguesa no México.

É letrista da Naifa, Linha da Frente, Jel, Papercutz, dos Inspectores, Agência de Viagens e On the road, tendo editado também com sucesso o disco «Vi-os desaparecer na noite» com Tó Trips (Dead Combo).

Trabalhou de jornalista na revista Voxx durante 20 anos e foi radialista do suplemento cultural Ultravoxx.

Foi comentador na televisão no programa «Prazer dos diabos».

Foi e é vocalista dos Grupos Inspectores, Agência de Viagens, *On the Road e SpokenJazzword*.

É editor, director e produtor da revista de arte «Bíblia» que dirige há 14 anos tendo editado 30 números e 50.000 exemplares com inúmeros lançamentos, apresentações,

leituras, debates, feiras relacionados com o «fazer» de uma revista dedicada às artes e letras nestes 14 anos.

Participou no curso de actores do teatro Inatel e passou da companhia do teatro anatómico e no teatro O Bando.

Fez parte da direcção do grupo «Alta Performance» tendo realizado o espectáculo MCM.

Foi fundador da galeria zDB tendo organizado inúmeros eventos.

Lê poesia de vários autores e circunstâncias.

É organizador de inúmeros eventos, festas e concertos tendo dinamizado várias bandas nacionais.

Põe música em inúmeros Bailes e Discotecas sob o pseudónimo de DJ Vaipes tendo feito dupla com Rui Mais (ex-wife) durante alguns anos.

É produtor dos seus projectos musicais Agência de Viagens, On the Road e Inspectores, *SpokenJazzWord*.

Tirou cursos de teatro e esteve 3 anos numa companhia de teatro.

---

[www.myspace.com/revista\\_biblia](http://www.myspace.com/revista_biblia)

[www.myspace.com/ontheroadbeats](http://www.myspace.com/ontheroadbeats)

[myspace.com/quintopimento](http://myspace.com/quintopimento)

[www.revista-biblia.com](http://www.revista-biblia.com)

**A luz enigmática incidindo no mármore**

as suas veias que correm  
na inanimação da pedra.

Dão-me a beber  
a luz estranha.

## **Os Jornais**

Quando estiver demasiado mal  
tragam-me alguns jornais  
com os seus títulos sensacionalistas  
para que a minha cara fique tapada  
pelas grandes folhas  
das últimas evoluções sangrentas do mundo.

### **Saída das fábricas**

Lá vamos os dois  
com a multidão  
ao cair da tarde  
saindo das fábricas  
a caminho de casa  
até ao fim do nosso pedaço de terra  
onde começa o abismo  
que nos corrói a pele.

**Enquanto os cães passam**  
e a caravana ladra  
passeamos num subúrbio  
sabendo que ninguém nos sorrirá  
no admirável mundo novo.

**Mais sangue pedira o político canibal**  
ao ver que se lhe acabara o jarro fresco  
que tinha sempre no frigorífico.

Poema N° 5

Eu non postro verbas fermosas  
para non decir nada  
ni me xeonlló ante curia  
eu son coma a nada  
se se da nada veño  
a nada irei  
corada e insuficiente comé cando nac

O meu xeonlló na terra  
e polos homes e mulleres valiosos  
polos lumes que devolveron a luz  
e a anima á creación do átomo.

meu xeonlló na terra  
é polo meu amor,  
polo miña illa e os meus vellos,  
polo zumo que proctea os limiares  
e o deus que non dará condena ó me

## — XULIA MARÍA —

Xulia María naceu en Redondela, Pontevedra. Nesta provincia galega cursou os seus estudos secundarios para despois estudar Socioloxía, na UNED .

Como poetisa é autora dos poemarios «*Carne y Ceniza*» publicado no ano 2006, e de «*A Esfera azul*»

En prosa é autora das obras «*A Árbore das Vagalumes*» e «*El Valle de Ulló* »

E tamén do conto infantil « *Cumba, Maxia Da Terra*» escenificado por toda Galicia pola Compañía de Títeres *Pequeñoles*.

Como intérprete musical publicou «*A porta aberta*» (ano 2006) , un traballo discográfico grabado entre Cuba e Galicia, con ritmos americanos, españois e portugueses. Na citada obra musical aparecen cancións dos poetas Cuñas Novás, Rosalía de Castro, Pablo Neruda, A. Petrocheli etc. En definitiva, un traballo no que ofrece unha proposta moi interesante e dun importante lirismo musical.

O longo destes anos ten ofrecido concertos e recitais tanto na península como en Latinoamérica, acompañada sempre pola colaboración de Hector Findell, a dozura das guitarras e a trascendencia da poesía.

## O sorriso de rosalía

Din se estou tola,  
pero foi Rosalía a que veu visitarme  
e non choraba,  
nin se repartía nos versos de «Negra Sombra»  
ante anxos e gadañas.  
Só quería cantar,  
cantaba lidiando os marcadores das fronteiras  
para que aprendan a ser libres,  
os somerxidos na fala  
que só serve para respirar, e afogan,  
os que se pensan nomeados,  
designadores de bandeiras  
e mandamentos do meu pobo.

Ensinoume, que a ringleira de fume  
é o primeiro paso para non voltar atrás.  
Haberá quen por cobiza  
fará tortos os camiños dereitos,  
¡non os encoites!  
gabean por unha minúscula ovación.  
Os de verdade están máis adiante  
son os rebeldes do novo mundo,  
¡os que estremecerán coa chegada!

## Poema N° 5

Eu non postro verbas fermosas  
para non dicir nada  
nin axeonllo ante a curia  
eu son coma a nada  
e se da nada veño  
á nada irei  
dobrada e insuficiente coma cando nacín.

O meu xeonllo na terra  
é polos homes e mulleres valiosos  
polos lumes que devolveron a luz  
e a ansia de creación do átomo.

O meu xeonllo na terra  
é polo meu amor,  
pola miña filla e os meus vellos,  
polo zume que procrea os limiares  
e o deus, que non dará condena ó meu pobo.

## **Búscame Amor**

Búscame amor de infinita presencia  
na morada esbelta dun perfume  
no meu soñar de costas ó teu peito  
e no canto adulterado do viño.

próbame impura e feminina  
alporizando as augas do teu baño  
mínima e absoluta  
entre os vellos suspiros do mundo.

## — CARLOS NEGRO —

Carlos Negro (Lalín, 1970), destaca fundamentalmente polo cultivo do xénero poético. Licenciouuse en Filoloxía Hispánica e Galego-Portuguesa pola Universidade de Santiago de Compostela; na actualidade exerce como docente no C.P.I. *Eusebio Lorenzo Baleirón*, no concello coruñés de Dodro. Durante o ano 2004 desempeñou o cargo de Secretario Xeral da Asociación de Escritores en Lingua Galega. Desde mediados da década dos noventa, leva participado en numerosos recitais e eventos de carácter poético celebrados por toda Galicia; así mesmo, adícase a impartir obradoiros sobre creación literaria; colaborou, en diversas edicións, cos actos literarios celebrados na *Algarabía* de Lalín, e tamén nas Forxas Literarias da *Solaina*, na Fundación Casa-Museo de Piloño (Vila de Cruces).

Ata o presente ano 2010, deu ao prelo os seguintes títulos: ***as laranxas de alí babá*** (*Letras de Cal*, 1998; 2<sup>a</sup> edición, corrixida e aumentada, na colección *Poeta en Compostela*, nº 16, Editorial *Compostela*, 2006); ***Far-west*** (Colección *Ablativo Absoluto*, nº 20, Edicións Xerais, Vigo, 2001); ***Héleris*** (*Espiral Maior Poesía*, nº 130, A Coruña, 2003; 1º premio de poesía, *ex aequo*, na VII edición do certame *Johan Carballera*, do Concello de Bueu); ***Cultivos transxénicos*** (Instituto de Estudos Miñoranos, 2008; 1º premio de poesía *Vitoriano Taibo*, da Entidade Local de Morgadáns, Concello de Gondomar) e moi recentemente ***Makinaria*** (Colección *Fóra de xogo*, nº 120, Edicións Xerais, 2009), poemario orientado a un público xuvenil. Así mesmo, unha breve

escolma dos seus textos pode consultarse en antoloxías como ***25 anos de poesía galega; antoloxía 1975-2000, Vol. III***, Biblioteca Galega 120, Editora *La Voz de Galicia*, 2002 ou ***Poetízate. Antoloxía da poesía galega***, Colección Fóra de xogo, nº 89, Edicións Xerais, Vigo, 2006. Recentemente, vén de publicar ***Abelcebú***, Edicións Positivas, 2010, un dicionario de carácter satírico.



## **Dereito de autodeterminación**

O poema interroga, busca as gándaras abertas, as leiras sen marcos, as terras baldeiras, lugares onde ningún poder chantou áinda unha bandeira.

O poema foxe dos bosques de arame, dos muros de cemento coroados con anacos de cristal de botella, das marcas trazadas nos mapas como unha cicatriz na memoria.

O poema foxe da taxonomía, do mármore das tumbas, da necrose das estatuas, da efémera gloria dos himnos na praza de pedra.

O poema nunca é dócil: a súa desconfianza do patriotismo actúa como unha declaración de independencia.

A fronteira do poema chámase silencio; do outro lado albíscase un espazo en branco, tres corvos sobre a neve, unha bomba-lapa baixo o coche, unha pucharca de sangue, un cadáver putrefacto que algúns denominan movemento en espiral.

A outra fronteira dise documento nacional de identidade: un nome propio soterrado pola Historia.

Mais o corazón négase a admitir o sacrificio supremo, a ofrenda das vísceras no templo votivo.

Identidade: dous boxeadores sobre o ring, unha lareira cuberta de silvas, un muíño abandonado, o crucifixo nas

aulas, o exilio da lingua, o cheiro a churrasco, un fogar que xa non é aldea nin nada.

O poema agarda: nunca se ofrece sen esforzo, nunca se entrega cando llo esixen.

O poema respira: busca áreas ecológicas, espazos descontaminados de lirismo, unha semántica que exerce o dereito de autodeterminación.

O poema existe: vaise facendo, pide atención, non dá todo, dubida, fai da identidade un lugar de tránsito, un espazo onde a palabra acontece.

O poema declara: non máis sangue nos fouciños, non máis pólvora no canto, non máis lume irmandiño nos castelos.

O poema conclúe: a miña esperanza non se di  
nacionalismo.

*Carlos Negro,  
decembro 2009*

## Gándara

Á libraría Couceiro,  
polas longas horas de amizade

E vostede para que escribe?

*Para non me negar ningunha posibilidade.*

Con que actitude?

*Coa do neno que descobre a illa do tesouro.*

Que persegue vostede na poesía?

*Un oasis, un acubillo contra o ruído.*

Confía nas palabras?

*Non se trata de ningunha cuestión de confianza.*

Daquela?

*Trátase de tacto, de respiración, de carne.*

Que procura nun verso?

*O asombro, a dúbida, un trastorno emotivo.*

Tamén a beleza?

*Tamén o silencio dunha folerpa de neve.*

Unha forma de verdade?

*Tan só unhas faragullas de pan para o camiño.*

De que xeito nace o poema?

*Entre a convulsión e a técnica, así acontece.*

Implica pracer?

*Desasosego, axitación, sorpresa, gozo.*

A poesía é ficción?

*Máis ben unha gándara axitada polo vento.  
Un xénero literario?  
Un páramo inhóspito onde non inzan os dogmas.  
Que transmite?  
Un fulgor humilde como a luz das librarías.*

*A Tarroeira, Ortoño,  
xaneiro de 2009.*

## — KIKO NEVES —

Naceu no Condado, no verán de 1969.

En 1995, no xv Festival da Poesía do Condado recitou pola primeira vez ao público os seus poemas. Logo, e durante cinco anos, deu máis dun cento de recitais ao longo de todo o país.

Ten publicados os poemarios Ruído de Motos (Letras de Cal, 1997), Un Poema de Amor (Egasur, 1998) e Centooonce (Edicións Xerais de Galicia, 2004); en narrativa, Un Baile de Moscas (Edicións Xerais de Galicia, 2001). Participou en diversas publicacións colectivas e nas edicións 2002 e 2003 dos libros do Festival.

Colaborou nos xornais A Peneira e Novas da Galiza.  
Actualmente traballa de contable na vila de Ponteareas.



(I)

Aí fóra,  
aí fóra, seino, hai unha chea de xente.  
Recoñeo facianas de hai anos,  
homes, mulleres que levan toda a vida  
pasando ao meu carón.  
Homes, mulleres  
que rin, que sorrín,  
que saúdan, mesmo.  
Non estou tolo.  
Pódovos asegurar que é certo:  
    hai xente aí fóra.

(II)

Onete.  
Unha pantasma teimou en manter conversa  
comigo.  
Saudou.  
Dicía cousas como:  
véxote moito por aquí.  
Ría, sorría, falaba.  
Dicía tamén que o mundo non sei que,  
inxusto,  
ou así.  
Non lembro.  
Contodo,  
a mellor noite da miña vida,  
a mellor noite que non lembro de toda a miña vida

houvo ser a de onte.  
Dóeme o estómago.  
Dóenme as virillas,  
as pernas e o sexo.  
Férveme a lingua,  
e a miña voz debeu quedar presa no baleiro  
da outra beira da cama.  
Asegúrovos, quero insistir,  
que non  
lembro a mellor noite da miña vida;  
mais pódovos asegurar, agora si,  
que non  
estou tolo:

Aínda non son as nove da mañá  
e hai alguén  
aí fóra,  
no cuarto de baño.

### (III)

Vale  
recoñezo daquela ao cabo que si  
que ben  
que existen xa que logo e contra todo prognóstico cativas  
posibilidades  
de achar  
algo  
aí fóra.  
Algún opiáceo.  
Quizais un subconsciente colectivo

que obriga a  
rir, sorrir, saudar,  
falar de que o mundo non sei que,  
un día e máis un outro,  
mentres mudamos todos en pantasmas,  
en parvos,  
en xente,  
en alguén.

*Kiko Neves, agosto de 2010.*



## — BRANCA NOVONEYRA —

Branca Novoneyra (Lugo, 1976) é bailarina e poeta. Licenciada en Ciencias Políticas pola Universidade de Santiago de Compostela e Diploma de Estudos Avanzados pola Universidade de Belas Artes de Granada. Dende o ano 2002 presenta as súas pezas coreográficas en colaboración con poetas, videoartistas e colectivos musicais. Igualmente, publica traballo sobre historia e crítica de danza en diversas revistas especializadas.

No ano 2009 publica en Espiral Maior o libro de poemas *Dentro do Labirinto* que percorre na súa última peza *Game Over* onde a intertextualidade entre o movemento e a poesía chegan ó límite buscando unha saída.

Ven de gañar o premio «*La voz + joven 2010*» da Obra Social de Caja Madrid cunha pequena selección de poemas que presentará en *La Casa Encendida* este mes de setembro.

---

[www.brancanovoneyra.com](http://www.brancanovoneyra.com)

[www.myspace.com.brancanovoneyra](http://www.myspace.com.brancanovoneyra)



A  
B  
R  
A  
Z  
A  
S  
M  
INERTE

## **As Moscas**

Cegada no descanso da escaleira  
sen que poidan recoñecer a miña sombra  
as mans curvas e o ventre oxidado incrústanse nas reixas  
O horríbel son do ollo e das pechaduras ferruxentas  
o retroceso tenso do meu peito  
o sorriso sen mirada  
Persígote entre madeiras podres  
e distraída meto os cóbados no bidón de auga de chuvia  
onde se evaporan os peixes pasado o mediodía  
Entramos e saímos das habitácións e o mar estala na galería  
Quero durmir sen ter que descifrar os vosos rostros  
gatear riba de baldosas  
agarrarme dos cordeis  
sortear miles de gatos famélicos que rin do meu asombro  
da miña carne branca e redonda

A fame cuartea a pel ata volvela transparente  
e sen lograr a invisibilidade nin erguer sospeitas  
manténolle a mirada a fracos insectos queimados  
que pousándose sorben o sangue  
e gustan de mordelo desinfectado  
isto agránداos e debilítaos  
vólveos confiados e sen forzas  
e abraiados polo recendo a carne fresca  
que non foi chupada polas moscas  
que excita e enferma ó famento  
que é síntoma de burla e desesperanza  
que sacia ate a náusea  
que apaga os derradeiros intentos de resistencia  
e moscas que morren e desaparecen

## O meu cabalo

Nas noites de insomnio  
a auga suspendida  
esvara ó nivel da miña boca

Oio berros dos mercadores  
regateando o prezo  
do meu fermoso cabalo

Ó cepillalo tremen as cicatrices  
e os seus ollos  
agradecen tan suaves coidados

No alto verán, a fuxida do veneno  
espertará un antigo instinto:  
galopar salvaxe  
coas patas rotas  
ata ó fin do cantil

## **Dentro do labirinto II**

Sons doutras linguas baten os meus dentes  
e extinguén as olladas nos furados  
Existen xardíns que deteñen a ira  
e pequenos ollos como agullas  
de esculturas esquecidas no soto

Nacen sementes cada 1000 anos  
anunciándose nos nosos pesadelos  
Hai case 10 anos  
que os monstros durmen no lago  
onde avións despegan  
dende linguas soterradas

Existen lembranzas  
no zoar das abellas  
e 10.000 hectáreas de deserto  
na casa de Holan en Kampa  
Un peso inmaterial pendura riba a miña caluga  
e caio ó baleiro esquecendo percorridos albiscados  
por monos enfermos

Escoito tódalas despedidas dende gaiolas, embaixadas  
[e aduanas

Existen outras 100.000 fronteiras  
onde florecen as cerdeiras e o son das teclas  
murmúranos a única saída dende dentro do labirinto

— SAMUEL L. PARÍS —

Nace no 1984 en Muros. Publica *Manual da destrucción* no 2008 no netlabel A Regueifa baixo licenzas Creative Commons. Come arroz con salchichas, ovos e tomate. Defensa central en paro biolóxico e baixista da Terbutalina.

o meu  
mortadisco  
rosa



## Sociolingüística

pero é que ninguén di GRAZAS GRAZAS por non dicilo talvez GRAZAS e AO e IMPOSÍBEL

sereas e tres horas de noite

benvidos ao paraíso

pero es que los gramáticos

son los de la mesa

los del bloque

### **inciso**

a xente que di

son los del bloque

teñen as fincas rodeadas de

## bloque

feísmo remata en ismo

como catolicismo

pode que sexan os mesmos

y yo-no-sé

pero nos lo imponen

y a los niños no les justa aprenderlodetalxeito-de-tal-modo

[dóeme]

o peito

cancro

lingüístico

y me encanta galicia YO TAMBIÉN SOY GALLEGA

quei me encanta o teu catro por catro

rapaces en uniforme  
pelo louro tinguido  
apelidos com-postos  
com-postos na xunta  
opus dei  
dei  
dei  
deirlle a misa de cando en cando

«nunca fue la nuestra lengua de imposición  
sino de encuentro  
a nadie se le obligó nunca a hablar en castellano»

juancarlosprimerodehispanialavieja

y  
joderNENO  
yoTAMBIÉNgalizaCEIBE  
peroESqueMISPADRESPAPÁSPROXENITORES  
meENSEÑARONaHABLARENESPAÑOL  
e tamén a fumar porros  
e a lamberlle a coniña á mosa  
os pais non ensinan todo  
os países tampouco

na galiza  
en galego  
na rabiza  
en rabego  
bilingüismo sesentaenove  
e non fales de amor á patria  
cando queres decir  
SEXO

## **Gallegos de mierda**

galiza hedonista

galiza un debate

de váter imos e debate temos

cagámonos na historia

galiza peidonista

cagamos por fóra e dicimos que foi o prestige

galiza es mi váter

galiza feijoísta

galiza tes dous nomes

e non te aturas a ti mesma

galiza vives nunha resaca da que nunca houbo

borracheira

gallegos de mierda

tratade ben os galegos

gallegos de mierda

decreto del gallego

por el recto

todo erecto

decreto del castellano

todo recto

por el ano

gallegos de mierda

pórtico da gloria lago

lagoniadelidiomanacional

pórtico da gloria lago

lagochás-y-me-cargo-el-dialecto

pórtico da gloria lago

lagorafobia de vernos falando ben alto

gallegos de mierda

y no haberá problemas luego para andar con estas  
[cosas?]

y cuando vas por el mundo adelante?  
y a mí me gusta  
pero no lo uso  
que asusta

gallegos de mierda

gallegos la imposición  
imposición harmonicastellanizante  
imposición así no nos entra  
e así vos entre nas entrañas  
desa hespaña áceda  
triste  
seca  
e inexistente

gallegos de mierda

que falan de liberdade uns trinta anos tarde

na vosa lingua

váyanse al carajo  
gallegos de mierda  
que aquí  
aquí hai un pobo digno

## O meu portal fai posa

o meu portal fai posa  
e non sei por que  
porque mal non o miro  
nin lle falo do revés  
aínda que o probei  
por ver se deixaba de faser posa

e non ten mal o meu portal  
agás porque fai posa

o primeiro día que fixo posa  
linlle versos de cummings  
tradusidos ao grego  
e foi un desastre  
non se foi a posa

posa poesía poetry greek my portal

despois  
un xoves  
volvíñ da tenda  
e seguía na teima da súa posa  
e asubiei the witch dos sonics  
confiaba en seattle supersonics  
asubiei e asubiei  
e na posa confiei  
mais a posa continuou alí  
máis posa

insinueime  
con suavidade  
lenemente  
para que non pensase que me vou con calquera  
porque

hostia  
eu sonlle fiel ao meu portal  
por tal rasón  
por tal outra  
por tal iñó meu

entón pensei

este portal meu debe estar en mala época

let's go crazy  
vaia vaia

este portal meu precisa

un amigo á súa beira  
beirarrúa

vaia vaia

e alí fiquei

unha

dúas

oito semanas

intentando escoitar como se laiaba

laia laia

e foi

obviamente

en balde

portal meu  
deixa de faser posa

que traballo che costará  
meu?

os da comunidade de vesiños  
non son coma ti e coma min

a metade son ex milicos  
pensan que non lle puxeron os cornos  
cando as miradas ao seu redor  
non eran de amor

daquela non había amor en ningures

e penso  
e por que en troca dunha posa  
non tes pólvora libertadora?  
pólvora homisida

que é que non che dá por aí?  
homi-si-dá

## PÓLVORA E NON POSAS

se a túa posa puidese falar  
portal meu  
cantas corcheas de verde  
faleserían na túa incólume alma?

## ASUCRE E NON POSAS

non creo xa na túa posa

chap chap chap chap

non creo xa na túa idea

chap chap chap chapusando

non te entendo portal

escolliches a posa

e deixaches a teima da sequidade

o meu portal fai posa

e

probeino case todo

dansa atemporal

argallar tribos neoliticaralludas

finxirme hércoles

interferirme let me know

taste taste taste the last scar

e nada

portal

ti sigue coa túa posa

que eu hei camiñar coa mirada

chantada

en todo o que é

dose

sanguento

e libre

## **Vaguedás**

unha vez tiven un cravo

perdino

tampouco imos fazer un drama do asunto



## — CARLOS QUIROGA —

Carlos Quiroga é professor na Universidade de Santiago. Publicou *G.O.N.G. —mais de vinte poemas globais e um prefácio esperançado* (1999), *Periferias* (1999, prémio Carvalho Calero, editado no Brasil em 2006), *A Espera Crepuscular* (2002, primeira parte da trilogia Viagem ao Cabo Nom), *Il Castello nello Stagno di Antela/ O Castelo da Lagoa de Antela* (2004), *O Regresso a Arder* (2005, terceira parte da Viagem ao Cabo Nom), *Inxalá* (2006, Prémio Carvalho Calero, editado em Portugal em 2008), e *Venezianas* (2007). Fundou e dirigiu várias revistas, como *O Mono da Tinta* (1987-1991), e foi bolseiro da Università Italiana per Stranieri (1983), da Fundação Calouste Gulbenkian (1991-92) e do ICALP (1992-93), tendo sido prémio extraordinário de doutoramento, professor de Galego no Ensino Secundário, e de Português em E.O.I., antes de trabalhar na USC. E é, naturalmente, reintegrata —a única modalidade de galeguista que fica no século XXI.



## dói

[inédito]

Se os atónitos olhos do mundo contemplassem esta loucura de tentar não ver-te, telefonar-te, correr abraçar-te, haveria porventura alguma glória? Fartar-se-iam de rir, os atónitos olhos do mundo, ou teriam também piedade...? Piedade deste tentar desamar desgarrado, piedade da amargura que vai devorando as entradas, o sol no céu, a música das fontes, engolindo os carros e as suas cores, transformando a gente toda em seres insuportáveis...?

A vida pesa nos braços como nunca dantes. Porque amar dói mas tentar desamar incendeia por dentro a alma de modo atroz, coloca no ventre uma pedra, uma estaca, calcina os brilhos todos, aborrece existir. Deixar o tabaco de golpe, afastar-se das drogas num gesto –silencioso, sem ajuda–, levanta gritos calados, atravessa de feridas a paciência. Mas nada disso é comparável ao adoecer que causa esta sede bebida, esta desumanidade de esperança matada e feita eternamente morta, este autodomínio burro, conformado, inocente, que quer a paz doutras pessoas com uma dor própria e vasta como a imensidão dos planetas.

Ando fantasma de mim assim a procurar entreter-me em deveres aborrecidos, a tentar restaurar algum resto dos sonhos partidos com os cacos na areia espalhada em deserto, tudo cacos. Deserto. Dor. Dunas e dunas. Tudo amargura como estando para morrer, como estando morto em vida. E não acho ambição, ilusão, emoção, não me acho sentido. Se os atónitos olhos do mundo pudessem contemplar esta loucura ainda poderia haver alguma glória,

a da beleza do gesto inútil e invisível em que me sacrifico –se em tanta falta de alegria pudesse ficar alguma beleza. Mas beleza não é possível onde falta alegria. Aos atónitos olhos do mundo.

## má língua<sup>1</sup>

*para Benja, em Viana*

Gosto de sentir a minha língua roçar  
a língua elástica de umha mulher.  
E gosto de ouvi-la ao menino e ao rapaz.  
Gosto de ler e de acarinhar  
e quero me dedicar  
a criar claridades a boca-poemas  
e umha concreçom de lexemas  
que abram feridas  
e criem lidas de facas-colher.

Gosto do Ferrin sem ferro,  
gosto do Guisan no mesmo afâm  
e sei que a prosa está para o ensaio  
assim como a postura está para o coito,  
e quem há de negar que naquela está o primor?  
E quem há de negar que naquela está o primor?

E deixa os portugais e brasis nascerem à glória,  
a minha língua já tem pátrias,  
cala-te polícia,  
cala!

Bosta do norte emigradora  
raiz de flor que cresceu longe,

---

1 Texto paródico de «Língua» de Caetano Veloso (in *Velô*, 1984). Foi escrito para o livro *Do Músculo da boca*, comemorativo do encontro Galego no mundo - Latim em pó, da Compostela Capital da Cultura 2000, e publicado em *O Regresso a Arder*.

o que nom quer,  
o que nom pode  
esta língua...?

Vamos atentar para a grafia dos ordeiros  
e o falso galego relax dos bolseiros,  
sejamos espingardeiros.

Como é? Sejamos espingardeiros!

Vamos na calma da dicçom, choo-choo, de Carvalho  
[ Calero

e que o Jenaro Marinhas nos seqüestre.

E safada destra, explique-nos S. Paulo.

Ouçamos com desgosto os deles e os delas da TVG.

Sejamos a censura da censura do galego.

Sejamos a censura da censura do galego.

Abomino bobos,  
babas de bobos,  
bobos com rango  
de cousa como frango e morango...  
Nomes de nomes como bip-bip, bip-bip.  
E tantos bip-bip e mais bip-bip, bip-bip.

Bosta do norte emigradora  
raiz de flor que cresceu longe,  
o que nom quer,  
o que nom pode  
esta língua...?

Certeza,  
é melhor ser comportadinho,

está provado que os generosos  
levam ao lombinho.

Se tiveres da fala umha certeza  
é melhor ser comportadinho,  
está provado que os generosos  
levam ao lombinho.

Lisboa quer dizer o diabo,  
A Madeira quer dizer *la madera*.  
E o convexo e o complexo e o circunflexo  
o seu olhar perplexo!

A pátria é a minha língua  
e eu nem tenho língua: tenho-a gringa,  
e está à míngua.

Poesia pós-moderna e prosa subsidiada.  
Opacidade futura.

Spanish com gaita, grelos com sangria.  
Será que ela está nos vinhos do Franco.

*Xalundes dende logo, amasemos engordiño.*  
Perto porvir preto.

Queda profunda.  
Galego que ensinam isola que mata.  
Livros, discos, vídeos de fala irmá,  
deixem que cheguem, que vivam,  
e deixem que eu diga, que pense,  
que fale.

## **galeguidade<sup>2</sup>**

se fores convidado  
a entrar na Catedral  
e passares polo meio  
das bocas vendedoras,  
quase todas... galegas,  
pedindo a sua esmola  
aos cantos em cantos  
anglo-franco-hispanos  
na limpa rua adjacente  
de pedra centenária,  
pensa algo na Galiza.

a Galiza é aqui,  
a Galiza nom é aqui.

e se fores exibir-te  
a umha praia de Baiona  
absolutamente cheia  
de toalhas e de corpos  
repara o que fala a boca,  
nom fala ninguém... galego,  
som quase todos galegos,  
mas pobres analfabetos...  
Galegos que bem escrevam,  
olha, som ainda mais pobres,  
porque tratados de podres.

---

2 Texto paródico de «Haití» de Caetano Veloso (in *Tropicália*, 1993), publicado em *O Regresso a Arder*.

a Galiza é aqui,  
a Galiza nom é aqui.

ah, se curioso por cultura,  
vai ver a Casa de Rosalia  
e o Castelao tumular,  
que custodiam os polícias  
dando porrada, e porrada,  
nos poucos galegos... ainda,  
todos, quase todos... lusistas  
tratados como negros aqui.  
os lusistas som esses pobres  
aqui tratados como podres.  
olha como tratam lusistas.

a Galiza é aqui / a Galiza nom é aqui.

(mas amigo a tua caminhada nom foi para ouvires  
penas  
e é melhor até nem saberes de pequenos pesares.  
compra  
umha cruz para o peito ou mesmo umha medalha  
benta,  
dá à tua cabeça umha gorra barata se sol houver  
descansa  
nalgum báculo de Santiago, mesmo se como provável  
chover.  
engorda a fame de bocata nos mariscos da Rainha  
e volta,  
antes de te ires, volta aos souvenirs jacobeus a truá  
eures.

nada melhor que um aparente rosário que imita a prata  
por chu dólares

ou mesmo umha fita dos tunos por nadinha. Caetano  
nunca, que é requinte requinte requinte... Marcha)

a Galiza nom é aqui / a Galiza é aqui.

## **Ano car(v)alho**

### **-rap reforestal**

[inédito]

*Meu irmão, neste país  
quem planta um carvalho  
é perseguido com vergalho.*

Recompensam o espantalho  
e no palco o agasalho  
para quem pega no rápido atalho,  
brilha o grande bandalho,  
aquele que fabrica o cascalho  
a esgalho, o grisalho.

*Meu irmão, neste país  
quem planta um carvalho  
é perseguido com vergalho.*

Mas eu não me ralho,  
trabalho, batalho, encalho,  
mas no falho baralho  
e abro novo cabeçalho,  
penduro-lhe ao pescoço o chocalho,  
e ao vampiro um alho,  
qualquer penduricalho  
de madeira de carvalho, caralho,  
deito-lhes o escumalho  
do orvalho, e ao porcalho  
com um ramalho.

*Meu irmão, neste país  
quem planta um carvalho  
é perseguido com vergalho.*

Claro que quero furtar-me ao talho  
mas aqui estou sem tresmalho,  
e exhibir as suas vergonhas num galho  
de, claro, carvalho carvalho,  
é o modo em que eu malho.

*Meu irmão, neste país  
quem planta um carvalho  
é perseguido com vergalho.*

Planta um carvalho, caralho,  
porque mesmo que seja pequerralho  
é ir fazendo serralho  
do vergalho.

*Meu irmão, neste país  
quem planta um carvalho  
é perseguido com vergalho.*

Se plantarmos outro retalho  
mudará em breve todo o soalho  
e não haverá zangalho  
que rompa este bugalho.

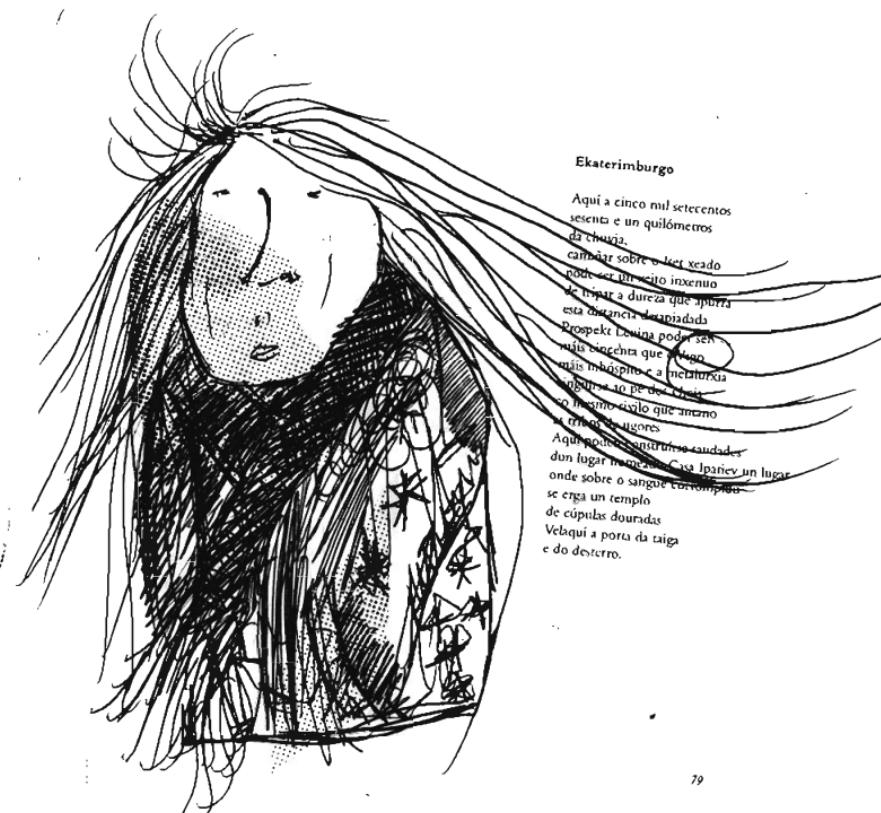
*Meu irmão, neste país  
quem planta um carvalho  
é perseguido com vergalho.*

Vamos acabar com o enxovalho,  
limpar tanto gargalho.  
Esta terra é a do carvalho, caralho,  
não queremos mais frangalho.  
Planta nesta puta terra o carvalho,  
caralho.



## — ELVIRA RIBEIRO TOBÍO —

Elvira Ribeiro Tobío (Cerponzóns, Pontevedra, 1971) Diplomouse en Maxisterio en Pontevedra e licenciuouse en Filoloxía Galego-Portuguesa en Compostela. Actualmente reside no concello de Cuntis. Entre outras actividades, dedícase ao ensino da lingua e da literatura galega. Publicou os libros de poesía *Andar ao leu* (2005) e *Arxilosa* (2005), onde se inclúen os poemas gañadores do XVII Premio Rosalía de Castro de Cornellà (Barcelona). En 2008 saíu *Palabras brancas*, un volume de poemas monovocálicos para nenos/as que foi finalista do Premio Merlin de literatura infantil e mereceu o Premio Xosé Neira Vilas ao libro infantil e xuvenil do ano. Parte da súa obra está recollida en numerosas revistas, páxinas web, libros colectivos e antoloxías, como *Das sonorosas cordas. 15 poetas desde Galicia* (2005) ou *Erato bajo la piel del deseo* (2010) antoloxía de poesía erótica en catalá, galego e castelán. A asociación Redes Escarlata e a docencia ligárona á tamén escritora e lingüista Silvia Penas; con ela escribiu *Biografía da multitudine*, Premio de Poesía Victoriano Taibo 2009, publicado polo IEM.



### Ekaterimburgo

Aqui a cinco mil setecentos  
sesenta e um quilómetros  
da chuzá,  
cambiar sobre o leir xeado  
pode ser un seito inxenuo  
de mirar a dureza que apurra  
esta distincia desapazada  
Prospekt Leningra podese sen  
máis inocencia que a dezo  
máis inhóspito e a metalúrxia  
inglória, ao pé das Montes  
co mesmo avilo que amano  
as tristes rugores

Aqui podese sentir altre saudades  
dun lugar frío como Caza Ipaney un lugar  
onde sobre o sangué corrompido  
se erga un templo

de cúpulas douradas  
Velaquí a porta da taiga  
e do deserto.

## **Ekaterimburgo**

Aquí a cinco mil setecentos  
sesenta e un quilómetros  
da chuvia,  
camiñar sobre o Iset xeado  
pode ser un xeito inxenuo  
de tripar a dureza que apurra  
esta distancia desapiadada  
Prospekt Lenina poder ser  
máis cincenta que o Vigo  
máis inhóspito e a metalurxia  
cinguirse ao pé dos Urais  
co mesmo sixilo que antano  
as tribos de ugores  
Aquí poden construírse saudades  
dun lugar nomeado Casa Ipatiev un lugar  
onde sobre o sangue corrompido  
se erga un templo  
de cúpulas douradas  
Velaquí a porta da taiga  
e do desterro.

## **Eu era un nómade dacabalo**

dun reno e a taiga era a fraga  
inabarcábel da nosa tribo agonizante  
a fraga das carballas centenarias  
era este bosque fechado de coníferas  
e o xeo que aboia na codia negra  
do Amur viñan sendo os restos de ramaxe  
que o Ulla ofrece cando a enchente  
reborda nas brañas de Laíño  
Era unha nómade eu unha indíxena  
nanai áinda non ameazada unha rena  
altiva e resistente a ser domesticada  
unha rena apareándose urrando  
no bosque que estrema co río do dragón negro  
parindo ergueita quecendo coa placenta  
a chaira siberiana

## **Uelen**

No extremo oriente neste anaco  
escolleito pola tundra elixo  
abrir a pel da morsa sobre a neve  
envolverme na capa que deron  
os seus intestinos dita *ukkanchin*  
tallar os seus cairos puídos polas ondas  
comer da súa carne sentir  
o seu recendo coarse mesto entre as guedellas,  
á beira do mar de Bering  
no mar dos Chukchis na praia  
dos seixos escollo como cómpre  
ser falante de Chukoto  
como cómpre a quen se randea  
no bordo da extinción  
ser falante de Chukoto  
a lingua dos cazadores  
de renos orgullosa lingua  
do pobo verdadeiro escollo  
ser falante de Chukoto

---

Os poemas pertencen á serie *Siberia, mon amour*, que vén de ser publicada na revista *Grial*.



## — DAVID RODRÍGUEZ —

David Rodríguez (VIGO, 1975) publicou as obras de teatro radiofónico *O bambán* (XERAIS, 2007), *Nunca me esquecerei de ti* (XERAIS, 2010) e o libro de poemas *Lapidarias. Os versos escuros* (XERAIS, 2010). Colaborou no libro colectivo *Non conciliados. Argumentos para a resistencia cultural* (CINECLUBE DE COMPOSTELA, 2010) e mantén, desde o ano 2005, o blog *O funambulista coxo*.



### **Nacín vello de máis**

para gozar dos encantos lixeiros  
ou para me rebelar pasando á acción  
Camiñei ás tombadelas  
coma unha xunta de bois enfermos  
arrastrando os brazos —maromas deitadas aos lados—  
polo chan, incapaz de amarrarme a ningures

Con desleixo rocei os dorsos das mans  
contra as arestas das pedras  
por ver se sangrando  
—non en tal cantidade que me impedisce dar o seguinte

[ paso—

conseguía sentir algo distinto  
á indiferenza  
cósmica  
das nubes, que mollándome  
nin me miran

### **Este con cara de dragón**

que cuspe cravos e reproches, non son eu  
este é outro

Un inquilino ruidoso instalado no meu colo

un abrazo de fousces

un cargamento de pedras

un bombeiro

un pirómano

que me lava con sal

e con xofre

as feridas

## **Bailar hei**

non coma dervixe  
a medio camiño entre a terra e o ceo  
senón reptando coma a puta bailarei  
ebria de whisky  
vendo na cara perfecta de deus  
o cu do demo

## **Declarar a fin**

da primeira guerra mundial  
no meu corpo  
suspender o tempo  
e voar ingrávido  
como area de reloxo  
na superficie da lúa  
vencedor e derrotado  
en loita fraticida  
de eu  
contra min mesmo  
ceso as escavacíons  
de trincheiras  
sobre a pel da fronte

E declarando solememente  
a fin da primeira guerra mundial no meu corpo  
inicio un tempo morto  
onde os do Marne e Prusia  
—carne da miña carne—  
podrecen en soños,  
inchados pola humidade  
e o fastío

## — CALROS SOLLA —

Calros Solla naceu en Pontevedra no ano 1971. Na actualidade, compaxina o labor docente co de investigador e escritor. No eido ensaístico ten dado ao prelo títulos como: «Cerededo. Materiais para o estudo da freguesía de San Xoán de Cerededo» (2002), «Cerededo na obra do Padre Sarmento» (2002), «Almanaque de encantos. Mitoloxía da terra de Cerededo» (2005), «Monte do Seixo. O santuario perdido dos celtas» (2008), «Carta arqueolóxica do concello de Cerededo» (2009) ou «Andar primeiro de río. Inmaterias do río dos Gafos» (2009). No eido poético publicou, entre outros, «Ras e tritongos» (2003), «Cerededo in the Voyager I» (2004) e «Pan prós crocodilos» (2010). É membro fundador do Grupo de Estudos Etnográficos «Serpe Bichoca» con quen colaborou na produción do documental «Monte do Seixo. A Montaña Máxica» (2009).



**nas pucharcas do monzón**  
palílhanse os balóns da eurocopa.

nas herbeiras termorreguladas de occidente  
cúrtense a biqueirazos  
os balóns intragástricos.

e non hai drenaxe que suma  
tanta esfameada fartura.

**cada galego que nace sen lingua  
agoira gran fame na terra.**

**neno de pel escura e dentinhos de alho,**

sácache o fusil catro cuartas  
de inocencia.

criatura do ermo, ben che prestaría  
un colacausinho,  
unha garatuxa de surtido-cuétara;  
prender o sono,  
comer quente,  
tomar escola:  
medrar rebezo, ceibo, espelido...,  
para botar ao lombo  
un continente.

meninho escravo,

se eu puider triparche o tétano da alma...;

mais só me apeei no inferno para tirar, oufano, unhas fotos.

*Sendo galego non debo ser máis que galeguista.*

CASTELAO

**Julio Iglesias (Xulio Igrexas/Júlio Igrejas, en galego)**

naceu dentro dos lindes xeográficos do territorio

que nomeamos Galiza.

a este personaxe déuselhe pasta para que fose dicindo por ái  
que era *gallego hei!*

alén diso, non se lhe escoitou dicir máis nada na nosa  
lingua.

Julio Iglesias é un home de negocios *gallego* ou *español*.

todos os galegos falan en galego, a lingua da Galiza;  
este é o noso sobranceiro sinal de identidade.

falar galego fainos galegos.

falar galego debúxanos únicos e iguais na garbosa diferenza.  
a lingua de noso non nos vai quitar de trabalhar,  
mais tampouco pide pan.

recedeade dos que chalanean cos sentimentos.

os galegos non tenhen por que ter nado no país:  
conhezo outros galegos vindos da China, da India,  
dos Estados Unidos, da Espanha...;

fanlan mandarín, hindi, inglés, espanhol... e tamén galego,  
cando se comunican con outros galegos,  
e non hai cartos que o paguen.

*gallegos* son todos os espanhois no ultramar  
(aos galegos tamén se nos mete nese saco),  
e *gallegos* son, amais, todos os nados na Galiza

que se expresan na lingua de Castela, rexión da Espanha, idioma denominado castelán ou espanhol.  
*gallego e español* son, xa que logo, formas sinónimas.

ala, dito queda.

**a minha lingua non goza.**  
de cativa,  
practicáronlhe unha ablación de autoestima.

*Aninovo de 2009*

**en Gaza, tras a Porta da Morte, fumegan os fornos  
[crematorios.**

as *totenkopf* son unha caste de formigas  
laboriosas e concienzudas (o traballo fainas libres).

insectos escolheitos,  
abeizoados polos deuses.

velenosas formigas,  
a súa picada transmite a xenreira  
e outras pestes, como o orgullo racial  
ou o integrismo (non se conhece antídoto).

Gaza agocha unha cámara de gas (Ciclón B a embute),  
unha fedorenta foxa común.

Xerusalén, cidade santeira, é un aramado electrificado,  
un muro de vergonhentas lamentacións,  
unha morea de zapatos á valga  
e *talitots* tecidos con cabelo humano.  
até Palestina chega o tendido dunha vía morta.  
choramos en Auschwitz II-Birkenau.  
non hai consolo.

**porfiemos para que aos nosos filhos**  
e aos filhos dos nosos filhos  
se lhes siga enchendo a boca  
en dicindo *donicela, doninha, denocinha;*  
áinda que tamén poidan dicir *comadreja*.

## — SAMUEL SOLLEIRO —

(Tui, 1982) é autor de *Elexías a Deus e ao Diaño* (2001) e *dz ou o libro do esperma* (2006). *punk*, de onde proceden estes textos, dorme desde hai dous anos no soto dunha editora. Non ten emprego. É alérxico aos ácaros *Lepidoglyphus destructor* e *Tyrophagus putrescentiae*.



## **ela & el**

Son dous: ela & el. El había anos escribira un conto que pretendía ser unha parodia de Álvaro Cunqueiro. Trataba sobre un home ao que lle prestaba moito o cocido e a chiscadela posmoderna era que ao final ao home lle daba un infarto e despois só podía comer pescada fervida. Na época non lle tiña moito respeito a Álvaro Cunqueiro porque pensaba que era un escritor gastronómico e provinciano. Despois leu: pasar a man polo lombo do vento e tragou as súas fachendas adolescentes con patacas novas e moi-sísimas cebolas.

O home é sempre escritor e a muller opina sobre o escritor que o home é ou deixa de ser. Na literatura profundamente patriarcal é así. E na vida. Ela pinta cadros. Ás veces pinta cadros.

El atopou o conto nun disquette, estaba escrito cun procesador de textos moi vello que se chamaba Amipro e o formato era .sam. He he he, .sam, como Sam Peckinpah, dixo ela. Si, ou como tócaa outra vez, Sam, dixo el. E dixo tamén el: he he he.

Á cama medráranlle infinitamente os pés desde un día que probaran cenouras nos esfínteres. Nos esfínteres dos dous.

Dixo ela, gostaba máis daquilo que escribiras dos elefantes. Si, aquilo do elefante que se sente máis elefante por detrás e aquel fulano ruso ou fillo de emigrantes rusos. Era unha imaxe moi simpática a do elefante para explicar a incomunicación. O moderno é escribir sobre a incomunicación. Os

outros temas están esgotados: o amor. O paso do tempo. Que máis se pode escribir sobre o paso do tempo? Hai que escribir historias de xente que non coñecemos. Anécdotas que non importan realmente a ninguén e que suceden en diferentes partes do mundo: Botswana, Cabo Verde. E en prosa.

Ela escribiu un día un poema. Comezaba así: lévame ao país onde as mulleres poñen pinzas da roupa nos bicos dos peitos. El leuno e non soubo que era un poema e pensou que era un recado e que ela quería realmente que lle puxese pinzas nos bicos dos peitos e probou a lle pór unha pinza no bico do peito. Desde ese día ela ten un bico más grande que o outro e xa non ten moitas ganas de escribir poemas.

Dúas veces ao ano ela córtalle o pelo con tesouras de facer collages do día da nai.

Á cama medráranlle infinitamente os pés. A el medráralle un vulto perto dos testículos.

Gostaría de ir lonxe, ao Caribe, á selva, dixo.

## **revival**

Esta é unha historia dos anos 80: os cinemas transformábanse de a pouco en discotecas e macrodiscotecas. Algúns simplemente fechaban para sempre. A música era peor e había moitas drogas.

O desencanto e o aburrimiento: Torii Hokusai fixo un concerto en Nixeria e tivo a idea de serrar as extremidades dun neno: o sangue caía en chafariz sobre as teclas do melotrón. Estaba moi drogado. Despois sóubose que ademais de drogado estaba tolo.

O neno non era realmente un neno senón un boneco que levaba por dentro bolsas de plástico con aceite de millo pintado de vermello. Mais a Torii Hokusai nunca lle preocupou se era ou non era un neno de verdade e velaí o problema ético. Tamén un seu antergo (Katsushika Hokusai, 1760-1849) pintou unha muller á que un enorme polbo zugaba con forza a vaxina: o soño da muller do pescador. É algo na estirpe dos Hokusai —sempre xeniais, sempre perversos.

A vida sempre é unha historia dos anos 80. Lume, camiña comigo.

Imaxínaos a todos morrendo indiferentemente como velaíñas de doenças raras: deixa un bico no espello / onde arde a miña sombra pola noite. Como velaíñas no teito. Si, en outubro.

## **probamos entón a heroína**

E cremos descubrir que había vida alén do corpo. É dicir, que a insatisfacción sexual nas persoas de más de digamos corenta e cinco anos ten outra dimensión alén do facto de os orificios estaren máis dados de si e os penes acadaren ereccións más humildes. Que non todo é dominio da mecánica de tubos. Iso era. Si.

Antes todo eran tardes, tardes enteiras diante da televisión, as nádegas como de margarina fundíndose contra a tapizaría e deixando manchas aceitosas para todos os anos que parecían quedar por vivir. Eu podía atopar un sentimento de comuñón con ese sofá apesar de ter un resorte incómodo no medio e apesar de todas as cascudas que aniñaban debaixo. Cando pediamos pizzas viña sempre o mesmo mozo vestido de vermello e o mellor da pizza era sempre arrimar a cara á caixa de cartón e sentir a caloriña antes de comer a pizza. E despois comer a pizza tampouco estaba mal, agás o día que a pizza tiña alcaparras.

Mais había vida alén do corpo. E un día polo meu santo regaláchesme un látego. Eu mirei o látego e mireite despois aos ollos e pareceume ver o espírito santo abrindo un por un os pétalos dunha orquídea. Quero dicir que foi a imaxe que me veu á cabeza, o espírito santo abrindo esa orquídea. Primeiro un pétalo e despois o outro e así sucesivamente.

E as noites fixéronse longas e a sensación ética era sempre estraña na certeza de que o cheiro dunha ferida non vou di-

cir aberta, desangrándose, mais si nese punto rosado a medio cicatrizar, non era un cheiro tan desagradábel. E substituímos as cenouras que introduciamos nos nosos orificios cando a televisión era aburrida por raíces de xenxibre. O picor era insoportábel. Eu adoraba beberche as bágoas. E había amor na merda e no sangue e nos vómitos.

Probamos entón a heroína. Probamos a orxía, probamos a zoofilia e a traizón. Foron anos felices. Nunca souben se toda aquela vida era de verdade e estabamos realmente alén do corpo. Tempo despois, cando adelgazamos tanto, eu contáralles aos médicos que era o corpo o que estaba xa un pouco alén de nós. Qué subtil é a soidade no tempo. Non sei se me explico.

Din que a vida sempre é unha historia dos anos 80. É posibel. Lembrádeme así: o tipo que vos contaba historias raras. O que tiña insomnio. O bébedo.



TIRÁROM-SE 300 EXEMPLARES DESTA ANTOLOGIA  
POÈTICA DO XXIV FESTIVAL DA POESIA NO CONDADO  
COM O LEMA «LÍNGUA E SERVIÇOS EM MAO COMUM»  
QUE SAÍROM DO PRELO EM AGOSTO  
DE 2010 COMPOSTOS EM  
BEMBO 10,5/13 PT

LAURA BRANCO

ALICIA FERNÁNDEZ

TIAGO GOMES

XULIA MARÍA

CARLOS NEGRO

KIKO NEVES

BRANCA NOVONEYRA

SAMUEL L. PARÍS

CARLOS QUIROGA

ELVIRA RIBEIRO TOBÍO

DAVID RODRÍGUEZ

CALROS Solla

SAMUEL SOLLEIRO